

Maison Tropicale | 2007

Col. Museion Bolzano, Itália

O projecto *Maison Tropicale* de Ângela Ferreira reflecte sobre a história colonial e as suas ressonâncias contemporâneas, pós e neocoloniais. Durante a reorganização territorial levada a cabo pelos poderes coloniais em África após a II Guerra Mundial, o Ministério do Ultramar francês teve a oportunidade de promover, na sequência de um concurso, um projecto modernista de produção em massa de habitações esteticamente sofisticadas que permitisse um maior acesso da população a uma arquitectura e design de qualidade, contando para isso com a colaboração do construtor francês Jean Prouvé, que criou um modelo de casas pré-fabricadas em módulos de alumínio. Os projectos de Prouvé nunca alcançaram o sucesso desejado na Europa, mas a possibilidade de instalar um grande número das suas habitações nas colónias africanas, conduziu ao desenvolvimento da sua “Casa Tropical”. Dos milhares de unidades inicialmente previstos, só três protótipos acabaram por sair da oficina do construtor. Em 1949, a primeira Casa Tropical foi enviada por avião para o Níger, sendo instalada na sua capital, Niamey. Duas outras casas foram transportadas para o Congo e instaladas em Brazzaville, em 1951. Com a (re)descoberta da “obra” de Jean Prouvé nos anos 1990, essas casas também suscitaram renovado interesse, tornando-se parte do processo de fetichização a que os objectos do construtor francês foram sujeitos pelo mercado do “design de época”.

Foi neste novo contexto que as três Casas Tropicais foram desmontadas e transportadas para França, onde foram restauradas, sendo posteriormente aí apresentadas, bem como nos Estados Unidos. Esta é a história que se conhece da Casa Tropical de Prouvé e é neste ponto que começa a história da *Maison Tropicale* de Ângela Ferreira. A instalação, concebida para o Pavilhão Português da Bienal de Veneza 2007, convoca a desterritorialização destas casas que não se situam em França ou nos Estados Unidos, nem no Níger ou no Congo, transformando-as num “contentor de História” em trânsito entre o mundo colonizador e o mundo colonizado; e depois – porque a artista faz a história de Prouvé regressar a África –, entre o mundo descolonizado e o mundo pós-moderno, na sua realidade pós e/ou neocolonial. Na (re)encenação que faz dos locais que acolheram as construções de Prouvé em África, Ângela Ferreira sublinha os seus vestígios e a ausência das casas, agora evocadas nos objectos esculturais resultantes da sua arquitectura modular e acumulados num espaço claustrofóbico, em deriva perpétua.

Jürgen Bock

(Maio 2007)